

Ocupacéu

Bruno Caldas Vianna

O MSST é desaceleracionista

O MSST descoloniza colonizando

O MSST é uma máquina de queimar dinheiro

O Fim

Treze de agosto de 2021. Sobre as casas de uma comunidade tecnomística na serra da Espinhaço, vinte pequenas luzes cruzam o céu noturno formando uma linha perfeitamente reta. Uma criança chama a atenção dos adultos. Em ritmo constante e suave, o trem luminoso segue até que os pontos se apagam em ordem, uma a uma, da primeira até a última da fila indiana. Depois de uma década analisando e interpretando as pequenas estrelas que se movem logo depois do anoitecer e imediatamente antes da alvorada, os anotadores da comunidade não sabem como interpretar esse novo sinal dos céus. Os anciãos convocam uma reunião.

em busca da sentença perdida

esqueça a esquina kafkiana j.k. de uma cidade sem curvas

o paraquedas não abriu, o helicóptero sumiu

e os dezoito foram no túbulo

ou qualquer ida vinda dum margarida perdida na mordida

a caminho de um aeroporto subterrâneo

mastigando um latim provinciano de colégio de freira

que fizeram raul reler alice no país das maravilhas

vampiresca magistrada temperando a fome de olhar-se em espelho sem refletir
mascando seu dentines de alho com óculos new wave
esmerilhando um diamantinho com molares
diz ter encontrado a palavra que encaixa
em ordem alfabética todos finais terminados em ida

3 letras depois que desisti das palmas ritmadas

em ordem alfabética todos finais terminados em ida

3 letras depois que

enquanto tosse e recupera o tom de voz
nossa quanta vida nesse tédio, achei a frase do meu jazigo
anuncia minha irrelevância em um sopro de alho,
jamais me suicidarão
dândis góticos da zumbi walk sapateavam em cima da minha sepultura lunar
minha juventude perturbou demais suas eternidades
a ponto de decretarem minha impossibilidade de existir

O professor vomita em cima do meu lanche os lusíadas canto 3 versos 54
onde marcou com marcatexto nos patuás das bandeirantes
a impossibilidade da cidade ser maior
que a fome dos amantes

enfim ...---...

catando piolho em legenda

decreta o reitor que o pai nosso tem que ser rezado no trio elétrico

esqueça o pesadelo do cristo astronauta
enforcado nas tripas do último jão
se achando o profeta com a própria cabeça na bandeja

enquanto menina dança e vira os olhinhos
onomatopéias geram novos seres perturbados depois
pobres darwinistas que sonham com ovelhas elétricas

em busca da sentença perdida

Glerm Soares

Contagem regressiva e lançamento

No final do segundo governo Lula as constelações estavam alinhadas para o desenvolvimento de um ambiente cultural inovador. As políticas instauradas na gestão de Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura, adubaram o surgimento de atividades abertas, como encontros e laboratórios, que desafiavam o senso comum. Os pontos de cultura reorganizaram a lógica do mercado para possibilitar a manutenção de espaços seguros para a expressão artística local, longe das capitais e de centros culturais, templos da alta cultura (Nunes 2011). As iniciativas de cultura digital recuperaram o valor do software livre, do copyleft, das apropriações tecnológicas (Costa 2011).

Em encontros como os Fóruns de Mídia Livre (2008-2010) e Encontros Livres (2010-2011), se fermentava poesia, ideias revolucionárias, música experimental, e oficinas onde se compartilhavam e desenvolviam todas formas de tecnologias autônomas. Ambientes virtuais como o site Estúdio Livre e listas de mail catalisavam a troca dessas informações pela rede global de computadores. Os Encontros de Conhecimentos Livres articulavam trocas entre pontos de cultura

(Ministério da Cultura 2009). O ambiente político abriu o acesso destes eventos underground a financiamentos por meio de editais públicos. A Petrobras financiou três encontros Submidialogia no ano de 2010, na baía de Paranaguá (PR), Arraial d'Ajuda (BA) e Mirinzais (MA). Esses eventos haviam sido organizados anteriormente de forma autônoma em Olinda (2006), Chapada Diamantina (2007) e em Belém por ocasião do Fórum Social Mundial de 2009.

Por esses encontros, no final da primeira década do terceiro milênio, começava a se fermentar um conceito de apropriação tecnológica espacial, inspirada pelas ações do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra, organizado em listas de e-mail (assim como o submidialogia). Em 2008 já havia sinais de satélite internacionais: um cartaz dos *satelliteless* - MSST decorava o encontro de tecnologia alternativa Píksel, na Noruega.

Outro precedente relevante foi o Orbitando Satélites, no Laboral Centro de Arte e Tecnologia em Gijón, Espanha, evento que combinou encontro com exposição em maio de 2011. Organizado pelos curadores Joana Griffin e Pedro Soler, que veio a ser um grande impulsionador da arte espacial, o encontro reuniu integrantes do MSST e diversos artistas trabalhando com o tema. No seu manual-catálogo se encontra um dos manifestos centrais do movimento (Griffin and Soler 2011). O texto não tem assinatura mas apresenta o estilo inconfundível de Guilherme Soares (Glerm), uma das figuras principais na criação do MSST e que assina outro capítulo do documento.

Em 1976, o grupo de oito países atravessados pela linha do equador - o Congo, a República Democrática do Congo, Uganda, Quênia, Indonésia, Equador, Colômbia e Brasil - se reuniram em Bogotá para oficializar uma declaração sobre o direito ao espaço exterior. A peculiaridade geográfica dessas nações é relevante porque quando se quer lançar um satélite que fique parado em relação ao movimento da Terra, ele tem que orbitar exatamente sobre a linha do equador. São os chamados geoestacionários. Qualquer antena parabólica caseira, de televisão, apontada para um ponto fixo, recebe informações desses dispositivos. A declaração contradizia acordos prévios sobre o uso do espaço como o *Outer Space Treaty*, de 1967, e as suas demandas não tiveram maior repercussão. No entanto, essa reivindicação de países em desenvolvimento tem uma influência decisiva no imaginário do MSST. O blog do artista colombiano Aleixo Duque homenageia o documento; com Joana Griffin, eles revisitaram a declaração no contexto da arte eletrônica, durante a edição de 2009 do simpósio ISEA (International Symposium of Electronic Arts).

Em 2010, um documentário de curta-metragem sobre o uso ilegal de satélites norte-americanos por radioamadores e caminhoneiros brasileiros incorpora declarações de Ricardo Ruiz, um dos coordenadores do programa de Cultura Digital do governo federal. As falas já expõem uma das principais contradições internas do movimento: o conflito entre a ação e a mera reflexão. “O MSST é um corte em tudo para deixar as vísceras expostas. Mas o problema de fazer um movimento de quem não tem satélite é para repensar mesmo o satélite. É fácil fazer um satélite, agora mesmo publicaram o código-fonte da Apollo 11. Mas você vai ter que juntar um bocado de lixo e jogar no espaço. A gente precisa de mais lixo no espaço?”

Essas frases resumem um paradoxo recorrente no movimento. Por um lado, se exige a ocupação popular do espaço exterior, colonizado por empresas privadas e o complexo industrial-militar. Mas se essa ocupação se traduz em lançamentos de aparelhos complexos em foguetes com alto gasto de energia, ela representa um ato de poluição tanto da esfera terrestre quanto do cinturão espacial em torno do nosso planeta, já dominado por milhares de satélites e lixo espacial na forma de destroços e equipamentos mortos. Por outro lado, uma corrente propõe uma apropriação que não aumente os problemas ambientais provocados pela corrida espacial. Essa apropriação pode ocorrer por meio de uma aproximação poética à colonização espacial - podemos citar, por exemplo, a Agência Espacial Palestina, da artista Aysha Sal'ous.

Mas esse processo também ocorre através da reciclagem de equipamentos existentes e subutilizados. O exemplo mais evidente são os satélites de comunicação por rádio FLTSATCOM, lançados pela Marinha estadunidense entre os anos de 1978 e 1989. Conhecidos por brasileiros como *satélites bolinha*, esses dispositivos estão em órbita geoestacionária e tem o objetivo de fazer a retransmissão de frequências de rádio. Isso quer dizer que estão em um ponto fixo no espaço em relação à terra, e que qualquer emissão direcionada a eles é reenviada de volta para uma área de cobertura de dimensões continentais. Assim, um radioamador que normalmente só pode transmitir até uma centena de quilômetros passa a poder conversar com todo um continente. Curiosamente, não há um sistema de controle de acesso ao equipamento, de forma que se criou uma cultura de conversas radiofônicas ilegais — uma vez que se utilizam frequências não permitidas à sociedade civil, o que é retratado no documentário citado anteriormente.

Primeiro estágio

O ambiente de experimentações institucionais e encontros livres criou as condições para o estabelecimento de espaços de encontros ao redor dos temas de mídias livres, cultura digital. O coletivo Fora do Eixo - agremiação em torno da produção musical que chegou a agrupar 180 coletivos de todo o país - chegou a ter casas em diversas cidades como São Paulo, Belém, Porto Alegre, Fortaleza ou Belo Horizonte. (Barcellos, Dellagnelo, and Salles 2017; Savazoni 2014).

No Rio de Janeiro, a Casa IP:// esteve ativa entre 2010 e 2014 em um espaço do Morro da Providência (Belisario 2016), enquanto na Lapa funcionava a Casa Nuvem. E no interior do estado, um espaço homônimo apareceu simultaneamente em 2011: a Nuvem, um laboratório rural focado em arte e tecnologia localizado na serra da Mantiqueira no estado do Rio de Janeiro (Fama 2018; Fragoso and Nóbrega, n.d.; Caldas Vianna 2021). O espaço foi financiado por dois anos pela iniciativa Vivo.mov, um programa da operadora Vivo que viabilizou festivais e espaços de arte e tecnologia em diversas localidades (Domschke and Bambozzi 2013).

A Nuvem trouxe uma mistura de propostas de eventos colaborativos em torno das políticas de cultura digital descritos anteriormente, somados a laboratórios de produção colaborativas como o *SummerLab*¹ da Laboral em Gijón, Espanha, ou os *Interactivos?!?*² do MediaLab-Prado em Madrid, ou festivais de tecnologia livre e arte como Píksel na Noruega. A organização desses encontros tinha um forte aspecto de autogestão: os participantes definiam a programação em forma de desconferência, assembleias eram uma prática comum; os presentes eram sempre responsáveis pela limpeza e manutenção das instalações, e muitas vezes responsáveis também pela preparação das refeições. Em geral, a subvenção permitia bancar o transporte e alimentação dos participantes, além do aluguel do espaço. O coletivo coordenador tinha forte interesse em pautas feministas, de autossuficiência, de artes performáticas e do hack como prática faça-você-mesmo tecnológica, e organizou eventos de tecnologia feminista como o EncontrADA e versões rurais do Interactivos!?, além de residências temáticas.

A descrição da Nuvem é importante no contexto do artigo porque há uma relação simbiótica entre a instituição e o movimento dos sem-satélite. Pode-se dizer que a Nuvem

1 <https://laboralcentrodearte.org/es/actividades/summerlab-2011/>

2 <https://www.medialab-matadero.es/en/programs/interactivos>

possibilitou a organização dos encontros do MSST, ao mesmo tempo em que esses eventos contribuíram de forma fundamental para o caráter do espaço. Não é por acaso que o primeiro seu primeiro pré-evento, em novembro de 2011, foi exatamente a Segunda Internacional do MSST, evento que não consta da wiki oficial do laboratório, mas cujas fotos podem ser encontradas publicamente³. A documentação visual revela o uso de uma antena de bambu de formato Yagi, além de software de análise de espectro. Não foi possível, nessa pesquisa, identificar o momento ou mesmo comprovar a existência de uma primeira internacional do movimento, porém o mais provável é que tenha havido um encontro informal durante os encontros submidialogia anteriores a 2011.

Outro aspecto importante que relaciona a Nuvem ao MSST é o interesse por tecnologias autônomas de comunicação. Diversos projetos abrigados pelo coletivo tinham esse foco, como o projeto de redes autônomas de Felipe Fonseca e Vincenzo Tozzi, e o de redes livres de Al, ambos desenvolvidos em diferentes residências de verão.

Em maio de 2012 a Nuvem recebe o encontro Tecnomagia, iniciativa que tem muitas afinidades com o MSST. Segundo a convocatória, o “o objetivo do encontro é organizar discussões e vivências sobre as intersecções entre tecnologia e magia”.

“As ciências vagas ou nômades nada mais são que práticas autônomas. O acesso a tais práticas nos abre as “caixas pretas” da ciência. Queremos criar um ambiente para a prática destas ciências, onde as ideias apontem para uma nova poética da tecnologia. Inventar neomitos high-tech e propôr cultos a cargas low-tech, esquecidas pela obsolescência. Repensar nossos cotidianos informáticos como ritos religiosos do presente. Este é o lugar para trocar receitas de tecnopoções e simpatias virtuais”

As fundações do conceito de tecnoxamanismo foram fincadas por Fabiane Borges, que também é figura central na organização do MSST: sua tese doutoral, “Em busca de uma cultura espacial”, elabora uma possível estética da arte do espaço (Fabiane Moraes Borges 2013). Uma genealogia dos termos tecnomagia e tecnoxamanismo é traçada na dissertação de mestrado de

³ <https://www.flickr.com/photos/fotosdanuvem/albums/72157628295392951/>

Adriano Belisário (Belisario 2016), que também organizou o livro com textos oriundos do evento (Belisario 2014).

No fim do mesmo ano se realiza mais um encontro que toca temas transversais à magia, espaço e tecnologias. Devido ao fato do calendário da cultura Maia terminar em 2012, popularizou-se mais uma profecia de fim de mundo, desta vez com a data de 12 de dezembro. Um pequeno grupo afim propõe um encontro também na Nuvem com o objetivo metapoético de construir uma máquina que evitaria o apocalipse. Infelizmente o encontro praticamente não deixou documentação além de alguns vídeos e textos sem publicar, do qual publicamos um trecho:

“Um vídeo foi encontrado dentre os arquivos digitais. Gravado em formatos arcaicos, ele foi parcialmente recuperado e parecia registrar um momento de acalorada discussão em algum lugar no meio de uma floresta, com uma casa rústica ao fundo. “Nunca mais existirá cientistas!”, dizia a mão que mantinha a coisa naquele momento. “Nem dele se fará objeto de culto. Em torno dele não se estabelecerá nenhuma atividade hierarquizadora de qualquer saber, e sua reprodutibilidade técnica não exterminará nenhuma poesia””

(documento apócrifo, acervo pessoal de Guilherme Soares)

Segundo estágio - velocidade de escape

“Reunidos esparsamente em torno de um manifesto apócrifo, encontrando-se por acaso em eventos bissextos, os sem satélite assumem um ethos indígena e recriam constantemente sua própria mitologia. Seu nome faz uma referência laudatória aos movimentos sociais brasileiros, como os sem-terra e os sem-teto; sua agenda, por outro lado, é aberta o suficiente para abarcar temas como a reapropriação tecnológica, a democracia nas comunicações, o movimento de ocupações, o tecnoxamanismo, a utopia espacial terceiro-mundista e altermundista, a metareciclagem, a esquizoanálise, o ruidismo e o cinema entrópico.” (Vianna 2015)

Em 2013 acontece um dos mais significativos eventos do MSST, a III Internacional dos Sem-Satélite. O artista Arcangel Constantini representou o coletivo de artistas e engenheiros mexicanos que pretendiam lançar um micro satélite. Pedro Soler, curador do encontro *Orbitando*

Satélites. Fabiane Borges, contadores de histórias tecnomísticas como Ticiano e Marcelo Brás, afrofuturistas como Eleonora Carbonari e Leila López. Mariana Starling e Gustavo Paim foram com a intenção de realizar um documentário sobre o movimento, do qual só há constância de um teaser, que, apesar de durar menos de um minuto, parece transmitir com fidelidade o espírito daqueles dias. A presença de Arcangel e outros músicos ligados ao ruidismo como Glerm Soares e Anaís Alpes introduzem o elemento *noise*, com concertos coletivos nos ambientes da casa. Outras atividades incluem oficinas de produção de hidrogênio, projeções de filmes na neblina e escuta de satélite. Balões de hidrogênio caseiro são lançados da base aeroespacial temporal *Padre Adelir*, uma homenagem ao mártir do voo autônomo em aerostato brasileiro, desaparecido no litoral de Santa Catarina em 2008.

Assim como a segunda internacional inaugurou a casa de residências e encontros da Nuvem, a terceira foi o primeiro evento na Nebulosa, uma propriedade de 40 hectares também na Serra da Mantiqueira, município de Resende-RJ. O local tinha a ambição de tornar-se a sede da Nuvem com foco em autossuficiência, tecnologias autônomas, agricultura ecológica e energias soberanas. Diversos encontros tiveram lugar no espaço até que o fim do coletivo, em 2015–16, acabou com o projeto.

É importante continuar a situar o movimento em um contexto mais amplo da história social brasileira. A III Internacional teve lugar entre os dias 21 e 24 de junho de 2013, exatamente quando ocorriam as *jornadas de junho* (Braga 2013), um conjunto de manifestações multitudinárias que tomaram as ruas em todo o país. Começando com uma passeata de duas mil pessoas em São Paulo, contra o aumento de passagens de ônibus, chegamos a um pico de cerca de 3 milhões de manifestantes distribuídos em diversos estados entre os dias 19 e 21 de junho. Muitos dos integrantes da Internacional tiveram que cruzar esses eventos para chegar ao encontro (Vianna 2015).

Se junho de 2013 pode ser visto como um apogeu da trajetória dos sem-satélite, também podemos ver esse mês um ponto de inflexão no imaginário democrático brasileiro. O que parecia uma reivindicação destinada a ampliar as conquistas sociais das quase três décadas de regime democrático foi rapidamente apropriada por movimentos conservadores que viriam a ditar a política brasileira nos anos subsequentes (Lima and Hajime 2016). O conservadorismo do congresso brasileiro foi impulsionado de uma maneira que ainda hoje compromete visceralmente

o funcionamento das instituições. A presidenta Dilma Rousseff, apesar de reeleita em 2014, sofreu um impeachment arbitrário em 2016, e a contaminação política do sistema judiciário permitiu a imposição do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro em 2018.

Terceiro estágio e reentrada na atmosfera

“internacional do top level domain name

internacional do proxy altruísta do além

internacional do ficamos por aqui mesmo”

(Guilherme Soares, lista de discussão do MSST, abril de 2015)

O ano de 2014 ainda foi mais intenso nas órbitas dos sem-satélites que no movimento em si. O festival de tecnoxamanismo teve a primeira edição em Arraial d’Ajuda, na Bahia, à qual se seguiu uma segunda instância em 2017. Em 2016, a coletânea TCNXMNSM reuniu ensaios e textos criativos sobre o movimento (Fabiane M. Borges 2016). Não obstante, diversos microeventos relacionados ao tema tiveram lugar na já citada Casa Nuvem (na cidade do Rio de Janeiro, não o espaço rural), Aarhus na Dinamarca, Axat na França e outros.

Os projetos em redes livres albergados pela Nuvem desembocam em uma ação chamada Fumaça Data Springs, ou Nascentes de Dados. Esse projeto, baseado na Nebulosa, consistiu na instalação coletiva de uma rede livre de acesso à internet com tecnologia mesh na vila de Fumaça, a quatro quilômetros do sítio. Se a ocupação do espaço com tecnologias livres de comunicação parecia uma quimera, a possibilidade real de uma infraestrutura autônoma, instalada e gerida por seus usuários era tentadora, especialmente para comunidades rurais e florestais que não representam um mercado interessante para os provedores comerciais. Inspirada pelo êxito da

Guifi.net, na Catalunha, essa rede comunitária funcionou de maneira irregular durante alguns anos, e incluiu um enlace de 25km da vila, por rádio, até um provedor de Internet da cidade de Resende (Caldas Vianna 2017).

Pedro Solar, já atuando em Quito, no Equador, organizou em março de 2015 a mostra Arte em Órbita, no Centro de Arte Contemporâneo, em parceria com a Fabiane Borges. O projeto de arte sideral se expande em direção à América Latina, incluindo artistas de El Salvador, Chile e Peru.

O último evento estritamente conectado com MSST que se tem constância é a IV Internacional do ?. Jogando novamente com a seriedade das conferências internacionais da esquerda histórica, o encontro respeita o sequenciamento original dos encontros, mas substitui o nome por uma interrogação. Um momento de indefinição interna? Ou simplesmente a constatação de que não há como limitar a fermentação de ideias do grupo com uma etiqueta? Um álbum de fotos parece ser o único traço de testemunho do evento: se veem momentos de contação de histórias, uma dança de drones, mais ruidismo e uma projeção na cachoeira.

A sugestão de esvaziamento do título parece ter fundamento. As fotos indicam um evento potente, porém pequeno, com poucas das figuras que haviam fornecido as fundações da plataforma espacial. Apesar de ter sido hospedado novamente na Nebulosa, o evento foi autofinanciado pelos participantes. A Nuvem, sua principal fomentadora institucional, já não tinha patrocínio e deixaria de existir no ano seguinte. Silo, um clone dos métodos e propostas do laboratório criado por uma das suas integrantes, foi fundado logo em seguida. No entanto, ele não compartilha do mesmo interesse por questões espaciais, focando mais em atividades rurais e feministas.

De muitas maneiras, o mundo de 2012 já havia deixado de existir. A intuição coletiva do MSST sobre a necessidade de uma máquina anti-fim de mundo naquele ano estava correta. Mesmo considerando o aspecto exclusivamente transcendental de muitas das propostas do movimento, fica claro que a máquina não surtiu efeito.

Meteoro

A partir de 2016 já não há registro de atividades sem-satélite. Fabiane Borges continua desenvolvendo projetos de arte espacial em anos subsequentes, desta vez junto ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais): em 2022 se organizou um curso de arte e cultura espacial. A atividade na lista de e-mail MSST mingua até uma última mensagem em 2018.

2016 também marca o impeachment da presidenta da república Dilma Roussef, um processo que, como mencionado, pode ter tido seu início nas manifestações de 2013. Com o fim do período de governos do Partido dos Trabalhadores, que havia começado em 2003, encerra-se também o apoio estatal aos experimentos culturais e midiáticos que teve lugar ao longo de mais de uma década. O caldo primordial cultural que fervia no começo da década de 2010 esfriou a golpes de recessões econômicas, crises políticas e principalmente um contramovimento conservador que se insere num contexto internacional.

Os orquestradores dessa reação se aproveitam exatamente da evolução da mídia em direção aos meios distribuídos como as redes sociais eletrônicas. As manipulações feitas por empresas como Cambridge Analytica, financiadas por grupos conservadores, com a complacência ou mesmo cumplicidade das empresas de novas mídias como Facebook (atual Meta), foram fatores fundamentais na eleição de Donald Trump e no plebiscito vitorioso do Brexit. Os movimentos progressistas do início da década pretendiam fazer um uso revolucionário de ideia de hack, mas quem de fato pode vangloriar de ter hackeado a sociedade de forma efetiva foram os grupos reacionários.

Enquanto isso, tanto a mídiaesfera quanto a órbita terrestre vêm sendo ocupadas exatamente por um dos expoentes da direita reacionária. Elon Musk comprou a rede social Twitter, e passou a retirar seus controles antiódio, tornando-a uma plataforma dominada por discursos racistas, misóginos, ditatoriais. E sua empresa de comunicação Starlink vem lançando milhares de satélites em órbita baixa, que afetam inclusive o trabalho de astrônomos pela obstrução física que fazem dos astros. Na Terra, essa oferta de telecomunicações afetou o trabalho das redes autônomas de comunicação: que sentido existe em instalar uma rede comunitária em um local isolado, se a Starlink tem cobertura global e funcionamento estável a preço acessível? Ironicamente, a

comunicação satelital se tornaram um vetor que contribui para o fim de iniciativas autônomas comunitárias.

Não obstante esses retrocessos, é bem possível que as vitórias da direita tenham sido pírricas, já que os governos instituídos vem tendo curta duração (Bolsonaro e Trump), e, mais importante, os avanços nos costumes e ideias trazidos pela geração de 2010 não puderam ser apagados. Igualmente não se pode falar do fim de um grupo que nunca foi oficialmente fundado. Dentre as experiências anarquistas e antiestablishment do período - a Fora do Eixo, por exemplo, nunca teve uma entidade jurídica central - o MSST se situa entre os mais fluidos, com uma práxis onírica e uma infraestrutura mais próxima da poética do que da eficiência funcional. Equilibrando-se entre a ficção e o ativismo, os sem-satélite seguem ativos em universidades, centros de cultura, na produção de um imaginário que continua falando das possibilidades de tecnologias autônomas, computadores analógicos, satélites de hidrogênio. Dadas as condições necessárias de temperatura e pressão, uma nova fornada de chips xamânicas sempre pode aparecer.

Referências

- BARCELLOS, Rebeca De Moraes Ribeiro De, Eloise Helena Livramento Dellagnelo, and Helena Kuerten De Salles. 2017. "REPOSICIONANDO CONCEITOS: A ORGANIZAÇÃO FORA DOS EIXOS." *Revista de Administração de Empresas* 57 (February):10–21. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020170102>.
- BELISARIO, Adriano. 2014. *Tecnomagia*. I-Motirô.
<https://zenodo.org/doi/10.5281/zenodo.13685553>.
- . 2016. "Tecnomagia e tecnoxamanismo: genealogias possíveis." Master's Thesis, Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. <https://archive.org/details/TECNOMAGIA-E-TECNOXAMANISMO>.
- BORGES, Fabiane M. 2016. *Technoxamanismo*. Invisíveis Produções.
- BORGES, Fabiane Moraes. 2013. "Em busca da cultura espacial," June.
<http://tede2.pucsp.br/tede/handle/handle/15282>.
- BRAGA, Ruy. 2013. "As Jornadas de Junho No Brasil: Crônica de Um Mês Inesquecível." *OSAL-Observatorio Social de América Latina* 14 (34): 51–61.
- CALDAS VIANNA, Bruno. 2017. "Comparing Two Community Network Experiences in Brazil." In *Community networks:the internet by the people, for the people*. FGV

Direito Rio.

———. 2021. “Residence, Resistance.” *Revista. Add+ART*. July 7, 2021.

<https://www.reartdata.net/es/add-art/arte-territorio/56-bruno-caldas>.

COSTA, Eliane Sarmiento. 2011. “Com quantos gigabytes se faz uma jangada, um barco que veleje’: o Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil, diante do cenário das redes e tecnologias digitais,” January. <https://hdl.handle.net/10438/8437>.

DOMSCHKE, Gisela, and Lucas Bambozzi. 2013. “Labmovel: Media Arts on Wheels.” *Transfers* 3 (2): 116–21.

FAMA, Camila Montagner. 2018. “Experiências Na Serra: Ideias Sobre Descentralização No Hacklab Rural Nuvem.”

FRAGOSO, Maria Luiza, and Guto Nóbrega. n.d. “Residencia Rural En Nuvem. Un Recorte En El Tiempo Continuo de Los Procesos.” Accessed February 26, 2021. https://www.academia.edu/14664468/Residencia_Rural_en_Nuvem_Un_recorte_en_el_tiempo_continuo_de_los_procesos.

GRIFFIN, Joana, and Pedro Soler. 2011. “Orbitando Satélites.” Zenodo. <https://doi.org/10.5281/ZENODO.13685148>.

LIMA, Pedro Luiz, and Mateus Hajime. 2016. “O Ovo Da Serpente? Fundamentos e Variações Da Crítica Ao Componente Conservador Das" Jornadas de Junho" de 2013.” *Leviathan (São Paulo)*, no. 13, 91–119.

MINISTÉRIO DA CULTURA, Brazil. 2009. *Compêndio de Cultura Digital*. http://archive.org/details/compendio_completo_Cultura_Digital_lowres.

NUNES, Ariel F. 2011. “Pontos de cultura e os novos paradigmas das políticas públicas culturais: reflexões macro e micro políticas.” <https://observatoriocultural.udgvirtual.udg.mx/repositorio/handle/123456789/1311>.

SAVAZONI, Rodrigo. 2014. *Os Novos Bárbaros: A Aventura Política Do Fora Do Eixo*. Novas Tramas. Rio de Janeiro, RJ: Aeroplano Editora : Circuito.

VIANNA, Bruno. 2015. “MSST - Movimento Dos Sem Satélite.” *Facta - Revista de Gambiologia*, 2015, 3 edition. <https://www.yumpu.com/pt/document/view/67686383/facta-3>.